

PREFÁCIO

Pedacinhos de cerâmica, de cores e tamanhos variados, espalhados pela mesa. Aos poucos se juntam numa figura geométrica, esboçam uma paisagem, compõem uma imagem. Arte praticada por Mauricio Cadaval em seu atelier, o mosaico lembra o amontoado de momentos marcantes, aventuras e conquistas que colecionamos ao longo da vida.

Neste livro, o convite é para admirar um mosaico. Um caleidoscópio de histórias da vida de Mauricio Cadaval e da sua família, composto por imagens e palavras. Memórias, reflexões, observações do mundo colhidas em inúmeras viagens se juntam a crônicas do cotidiano, desenhos, fotos e vídeos produzidos pelo autor ao longo dos últimos anos.

Este é um livro para ser apreciado sem pressa. Folheie, aprecie a beleza e sensibilidade dos desenhos e fotos, deixe-se levar pelas histórias. Veja como aos poucos alguns temas se repetem, dando a linha harmônica deste mosaico e revelando algumas paixões da vida do autor: artes, estudos, andanças pelo mundo.

Se começar pelos desenhos, perceberá que há técnica e sensibilidade apuradas, que foram se desenvolvendo por alguém que se dedica a esta arte desde criança. Quando era um juvenzinho em Belo Horizonte, no final dos anos 50, Cadaval estudou com o mestre Guignard e frequentava seu ateliê instalado no Palácio das Artes.

O autor exerceu mais de uma profissão – inclusive a de desenhista técnico –, passou por dezenas de empresas, trabalhou com políticos renomados, lutou por ideais, foi preso e processado pela Justiça Militar e, por fim, anistiado durante a redemocratização do país. Desenvolveu teses e estudos relevantes sobre planejamento urbano e transportes, que contribuíram para o desenvolvimento de políticas públicas bem sucedidas pelo Brasil afora.

Aposentado como professor da Universidade de Brasília (UnB), hoje passa meses em cidades estrangeiras, descobrindo novos cenários, culturas e sabores e registrando suas experiências. Um pouco do que ele descobriu está presente nestas páginas. Com seu texto direto e levemente irônico, Cadaval descreve situações inusitadas e surpreendentes em locais como os riads de Marrakesh ou nas redondezas de um hospital psiquiátrico em Sintra (Portugal).

Também reflete sobre pontos em comum de alguns lugares que já visitou, como a beleza dos museus que conciliam arte e natureza. Conta histórias de fazendas em Louisiana

(EUA), Pirenópolis (Goiás) ou Codó (Maranhão), que revelam heranças semelhantes, de escravidão e liberdade, amor e ambição.

Curiosas e emocionantes são as histórias de sua família, resgatadas de pesquisas genealógicas ou das lembranças dos parentes e de seu irmão Paulo Cadaval. Relatos do dia a dia de gente que já se foi e que vivia em um mundo tão diferente, mas ao mesmo tempo tão parecido com o nosso. Movidos por paixões, como a de José Ribas Cadaval pela aviação, que se desenvolvia no início do século XX. Ou a de Luis Felisbino, fazendeiro português que em 1840 se apaixonou perdidamente por Margarida, escrava do Barão de Sabará, e tanto fez que conseguiu comprá-la para poder se casar e viver seu amor.

Uma resenha do livro *Farrapos de Tempos Idos*, de José Palhano de Jesus, tio avô de Mauricio Cadaval, conta dos costumes da década de 1880, em uma fazenda no interior do Maranhão, a maior parte das vezes na perspectiva das crianças que viviam ali. Traz para os leitores, ainda, uma ideia do clima que tomou os proprietários e escravos, quando um mensageiro chegou anunciando que a princesa Isabel acabara de abolir a escravidão.

O leitor vai se deparar com uma visão do dia a dia de uma família nos idos dos anos 30 em Belo Horizonte, construindo a vida nos tempos em que a Pampulha, hoje logo ali, era um lugar de chácaras a que se chegava a muito custo e em que a grande notícia do dia era quando se via pousar um avião no recém-construído aeroporto. Há histórias divertidas, como as que mostram gerações de filhos se revezando no enredo típico da aventura que era roubar o carro do pai para curtir a noite da cidade.

Pequenas lembranças que descrevem o amor de Diva e Luiz, pais de Mauricio. Um amor que levava Diva, mulher forte e batalhadora, a bater de frente com as posturas aristocráticas de sua sogra d. Belinha e a seguir as andanças do marido engenheiro pelo interior de Minas. Situações que ficaram gravadas na memória, como o susto quando o irmão de Diva, Nhonhô, roubou o carro do cunhado para passar um fim de semana em Belo Horizonte, mas foi prontamente perdoado ao trazer, na volta, sua mãe (D^a. Nazinha), de quem Diva tanto sentia falta.

Para os familiares que sonhavam com origens nobres, Cadaval mostra que se não há títulos de duques ou barões em sua família, por outro lado, há histórias lindas, de gente inteligente, criativa e forte, que passa com desenvoltura pelas surpresas, dores e alegria do mosaico que é a nossa vida. Sem perder a leveza e a ternura.

Que este livro possa proporcionar a você, leitor, alguns bons momentos de leitura, despreziosa e agradável, da mesma forma que, acredito, ele foi escrito.

Clarissa Furtado